S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 1 de março 1913 — ANO XII — N. 180

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE. . . . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

DOIS ANOS!

21 de fevereiro de 1911

Quando numa noite calida do mez de fevereiro de 1911, em uma pequena sala da rua General Camara, nesta cidade, alguns moços trabalhadores se reuniam para apoiar os nossos camaradas de S. Paulo a braços com a elucidação de um facto gravissimo ocorrido em um estabelecimento de ensino mantido por padres do culto catolico, longe estavam, talvez, de supor que iam lançar a primeira pedra do alicerce de uma associação que estava destinada a ser o centro de resistencia e de combate onde viriam pelejar as boas vontades decididas, as energias sedentas de liberdade e de justiça que aqui existiam esparsas.

A Liga Anticlerical tem agora dois anos de vida activa, dois anos de lutas e de esforços em defesa do livre pensamento. Já faz parte da Federatión Internationale de la Libre Pensée, a poderosissima associação com séde um Bruxelas e que ha pouco ainda realizou o Congresso de Munich e no mez de outubro proximo levará a efeito outro em Lisboa, como todos sabemos.

Algum motivo temos, portanto, todos nós, de nos sentirmos satisfeitos de, com os nossos fracos recursos, termos podido contribuir para que neste paiz, no seu principal centro de actividade, exista uma instituição como esta que aí está.

Livres, como nos achamos, de quaesquer compromissos menos dignos, apoiando francamente todas as iniciativas que tenham por objectivo libertar o homem da influencia de todas as crenças politico-religiosas que o tragam amarrado, jungido a dogmas ou formulas absurdos; impelindo-o, concitando o a raciocinar, a examinar antes de aceitar como sendo a verdade tudo que a fantasia, a ignorancia, o embuste ou o interesse atiram ás multidões incautas, iremos trabalhando sem esmorecimento a ver se atingimos o fim que almejamos.

Mas apesar de muito ter-se feito relativamente aos parcos recursos de que dispomos, ainda assim muito maiores teriam sido os resultados colhidos se tratassemos de dotar a associação (para isso só é preciso pouquinho mais de boa vontade) dos meios indispensaveis de que carece para melhor poder executar o seu programa.

Falta-nos, principalmente, uma biblioteca e muitas outras coisas indispensaveis e urgentes.

Não haverá por aí um anticlerical que queira vestir e alimentar melhor esta criancinha de dois anos, ou seremos todos uns Jobs?

E' preciso ter em conta que, com o seu crescimento, as despesas de alimentação o outras vão aumentando proporcionalmente. Temos receio de que, apesar dos cuidados que á queridinha dispensamos, a anemia não venha a se apoderar do seu fragil organismo, deixando a todos nós o remorso de vel-a estiolar-se e...

Poderemos consentir isso?

Vamos, gente, um bom movimento e veremos em breve a rapariga ser o orgulho de todos nós!

Veremos como ela, cavalgando corcel fogoso e empunhando a bandeira da *Liberdade*, magnifica, no esplendor da sua ofuscante beleza, chamará todos ao bom combate, á luta santa pela emancipação definitiva de todos.

Vamos!

Adrecal.

Rio, 25 — 2 — 913.

ADOLFO VASQUEZ GOMEZ

Segundo telegrama que recebemos de Porto Alegre, deve chegar brevemente a S. Paulo o propagandista livre-pensador e dos principios sociais Adolfo Vasquez Gomez, de quem já nos ocupámos.

Vasquez Gomes, velho jornalista e lutador espanhol, percorreu já diversas cidades do Rio Grande do Sul, como Livramento, Pelotas, Bagé, Rio Grande, Porto Alegre, etc., onde realizou frequentadas e aplaudidas conferencias sobre as suas ideias emancipadoras.

Aqui em S. Paulo tambem se fará ouvir, indo depois ao Rio. As suas conferencias versarão sobre: «O clericalismo e as conquistas democraticas», «A questão religiosa e a questão social», «A queda do poder temporal dos papas e o seu poder presente», «A religião e a familia», «A religião e a Sciencia», «A legislação do trabalho», «Novos horizontes sociais», «As oito horas», «A organização proletaria», «Os altos ideiais maçonicos», «Francisco Ferrer e seus detractores» e «A Maçonaria e as doutrinas Modernas».



O novo scisma

A Igreja Catolica está em franca decadencia. Navegando em mares bravios sossobra a barca de S. Pedro. Em breve dela não restarão vestigios. Despedarçar-se-á de encontro a algum fraguedo que se eleva sobranceiro sobre os mares encapelados em que navega. *Requiescat in pace!* Morre em lenta e dolorosa agonia a grande opressora do pensamento humano. Giordano Bruno, Galileu, Dollet e tantas outras vítimas ilustres da Madre Igreja Catolica, estais vingados!

Estais vingados tambem, pobres martires da Santa Inquisição!

A vossa perseguidora atroz e vingativa estertora nas vascas de lenta e dolorosa agonia.

Os ataques violentos e certeiros dirigidos contra ela, aos quais á falta de argumentos responde com o anatema, fizeram com que o povo a pouco e pouco se afastasse da Igreja.

Os escandalos provocados pelos sacerdotes, a quem se impõe um absurdo voto de castidade, escandalos repetidos — eis outra causa da decadencia da Igreja Catolica. O numero de ministros da Igreja, que deixam a batina, quer para se casar, quer porque se rebelam contra os absurdos dos ensinamentos dela, aumenta diariamente. Outros se afastam para seguir a religião protestante.

Diz-se que na Inglaterra faz progressos o catolicismo. E esses progressos são tais que nem ao menos teve influencia a Igreja Catolica, e diga-se entre parentesis, nem a Protestante, para se opor á formidavel *greve* que rebentou o ano passado ou atrasado, *greve* de caracter francamente socialista.

Na Belgica, venceram as eleições os catolicos. E o partido socialista em represalia fez uma imponente manifestação de força.

Agora um scisma. Telegramas de S. Paulo dizem que o Corrêa de Amorim, vigario de Itapira, se revoltou contra o bispo de Campinas e proclamou a Igreja Brazileira de que se fez patriarca. O povo, segundo a *Noticia* de hoje, acompanha Corrêa de Amorim em sua rebeldia. E segundo o mesmo vespertino da Capital. acha-se em S. Paulo o padre Corrêa de Amorim, para conferenciar com outros padres a respeito das providencias a tomar para o desenvolvimento de sua Igreja. Si o movimento se estende, muito enfraquecida se achará a Igreja.

E' muito significativo o abandono da Igreja pelos seus ministros.

E' muito significativa a atitude assumida pelo ex-vigario de Itapira. O espirito de rebelião já contaminou os sacerdotes.

Por outro lado é sensivel a falta de vocações religiosas.

Pode assim a Igreja continuar a viver uma vida ingloria e mesquinha. Seu fim se aproxima. Em lenta e dolorosa agonia estertora a Igreja Catolica.

E quando a hora da morte soar, um brado de alegria entusiastica se erguerá vibrante do peito dos amigos da liberdade, saudando o raiar da redenção. Em lenta e dolorosa agonia estertora a Igreja Catolica. Em breve morrerá!

Requiescat in pace!

Rio, 6 — 2 — 1913.

Eduardo Vital.



A situação do povo

CONFEITOS BÍBLICOS

Terminemos enfim, rapidamente, este já fastidioso Exodo. *O «Senhor» continuou a ditar leis a Moisés para o seu povo, sobretudo prescrições cultuais e privilegios para a casta sacerdotal dominante. Mas o legislador demorou-se demais lá no cume do monte vedado: quarenta dias e quarenta noites. Decerto, aquilo levava tempo. Ainda se ele tivesse uma boa maquina de escrever «Mercedes», «Underwood», «Royal» ou «Smith»!... Mas Deus, coitado, sabia lá dessas coisas naquela época! Quem faz o que pode, a mais não é obrigado.*

O «povo eleito» é que se aborreceu da demora do seu pastor e tratou de arranjar novos deuses, para ir passando o tempo. Ora a quem recorreram eles para isso, sendo atendidos?

Ao proprio irmão de Moisés, ao proprio Arão, fazedor de milagres e amigo pessoal do velho deus nacional! Singular omnipotencia a desta divindade tam facilmente traida e singular certeza a deste sacerdote, ao corrente de todos os segredos... de Estado!

Avisado por Deus... Moisés desceu o monte, viu o seu povo prostrado ante o bezerro de oiro fundido por Arão e ficou todo furioso, quebrando as tabuas da lei escritas pelo dedo divino. Pena é que não tenha ficado ao menos amostra da caligrafia! Como se sabe, Deus é um habil caligrafo, escrevendo direito por linhas tortas. Se hoje voltasse a ter relações directas com os homens, quem poderia dar-lhe lições de dactilografia seria, por exemplo, o nosso amigo Myer, que por sinal é descendente do povo eleito.

Em suma: vinte e três mil homens foram passados a fio de espada, sendo, porém, Arão perdoado, por ser da familia, apesar de autor do bezerro... «Feriu, poi, o Senhor o povo pelo pecado do bezerro, que Arão tinha feito».

E arranjaram-se duas novas tabuas, continuando as promessas e farroncas divinas, envolvidas numa multidão de leis... contra o povo, como ainda hoje, graças a deus...

O Confeiteiro.

Flores ensanguentadas

Ultimamente, uma *troupe* de passagem interpretava no teatro de Pau (sul de França) a *Sonata de Kreutzer*.

Toda a alta sociedade, que passa agradavelmente o inverno na bela estancia pirenaica, ali estava. As casacas negras misturavam-se com os vestidos deslumbrantes, e dos corpetes rendilhados emergiam os colos nus, brancos como a neve das montanhas.

Esquecendo-lhe que no seu reino inumeros miseraveis sofrem miseria atroz, Afonso XIII, aborto coroado, encaixilhava a sua face cadaverica na sombra dum camarote de antescena. O publico aplaudia uma comediante fremente, que vivia com toda a sua alma a admiravel obra de Tolstoi. E ele, o rei da Espanha, distraido, mal escutava. Impedia-o talvez um remorso de tomar parte na alegria geral da multidão galvanizada. Parecia hipnotiza-lo uma visão de morte, em quanto a actriz, cada vez mais vibrante, se enfebrecia no palco. Os cabelos dela eram escuros, negros os seus olhos, e para ela ia o entusiasmo do auditorio como um perfume de flor. Uma salva de palmas, e caiu o pano.

Volvendo-se então para o seu camarista, o rei disse:

— Vá levar um ramo áquela actriz. Agrada-me Diga-lhe que é da minha parte.

E espera, com um sorriso fatuo, calculando o contentamento envaidecido da comediante.

Alguns minutos depois, o camarista voltou com o ramo.

— Como! Não executou as minhas ordens?

— Majestade...

— Ela recusou? Essa agora! Quem é ela?...

Tinha a voz colerica. Mas o camarista, vergado, murmurou a meia voz:

— Majestade, ela chama-se... Paz Ferrer...

Tinha-o sabido nos bastidores. Então, com os olhos pregados nas flores, o assassino julgou ver nas brilhantes corolas borrifos de sangue da sua nobre vítima, o martir de Montjuich, e ficou livido, tremulo, cabisbaixo.

Tal é o facto singular, cuja narração traduzimos dum jornal parisiense.

Moral teologica

Um jornal liberal de Munich recomenda aos seus leitores uma *moral teologica* de que é autor o sr. Goeptert, professor de teologia na universidade de Wurtzburgo. E' desta moral, a paginas 440 do 1.° volume, este lindo trecho:

> E' proibido fazer perguntas indiscretas ao diabo, e seria grande pecado manter com Satanás demoradas conversações; em compensação, é simples pecado venial dirigir-lhe apenas uma ou duas perguntas.

Quem tiver lido isto ficará naturalmente pensando que Pio X, se por acaso lhe chegasse aos ouvidos ou aos olhos tal parvoiçada, receitaria fortes duches ao professor Goeptert. Puro engano. O papa Sarto conferiu-lhe a medalha de 3.ª classe da ordem de S. Miguel, distinção muito apreciada nos meios vaticanescos.

A "Lanterna" em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refira a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua da Barroca, 94, 2.°

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

> 3a. conferencia — A religião não consiste sómente na religião natural — Racionalismo e semi-racionalismo — Incompetencia dos filosofos e dos scientistas em materia de religião.

Tens razão, muitissima razão, d. Sebastião Leme.

A religião, isto é, a tua religião, não consiste na religião natural.

Ao contrario, ela mostra-se sempre adversa á religião natural, procurando opor-lhe regras e praticas de todo o ponto anti-naturais.

Como pode querer falar em religião natural uma seita que proscreve os prazeres da vida, e que aconselha as mortificações de toda a sorte? Uma seita para a qual a suprema perfeição moral é expressa pela obediencia aos chamados conselhos de Cristo — pobreza voluntaria, obediencia inteira e castidade perpetua?

Repetimos: tens carradas de razão, ó adoravel bispo de Ortosia.

Simplesmente, a tua primeira tese está mal enunciada. Ela devia ser concebida nos seguintes termos: a religião, de que sou ministro, consiste em fazer exactamente o contrario do que preceitúa a lei natural.

E é porque a mesma religião, que tu pretendes haver aperfeiçoado a lei natural, chegou ao resultado abstruso de contradita-la nos seus pontos fundamentais, como no tocante ás leis que regem a conservação do individuo e a conservação da especie, é porisso que julgas imprescindivel que se aceite a *revelação*, como base indispensavel da crença que a ti e aos teus comparsas tantas vantagens de toda a sorte proporciona.

Afirmas ser indispensavel a revelação para emprestar caracter divino aos principios, em um dos quais quereis, vós todos que constituis o clericalismo, preponderar na sociedade em tudo e por tudo.

Mas, dulçoroso bispo conferencista, o estudo da Historia atesta e demonstra que foi sempre balda constante dos sacerdotes das religiões, que hão sido professadas em todos os tempos e em todos os lugares, que foi o proprio Deus que lhes transmitiu os ensinamentos, que eles prègam e que procuram com afan incutir no animo de toda a gente.

Berras do pulpito da catedral carioca que o cristianismo foi por Deus revelado ao homem.

Mas então o teu Deus é tudo quanto há de mais incoerente e de menos digno de ser tomado a serio, porque vive a divertir-se á custa da humanidade, quando ele se apresenta aos muçulmanos sob a forma de Alá, aos povos do extremo oriente sob a forma de Brama ou de Buda, á Grecia antiga sob a forma de Jupiter, ao Egito antigo sob a forma de Osiris, aos selvagens da America Meridional sob a forma de Tupá, e etc.

E todos esses povos e todas essas nações vangloriaram-se sempre de possuir as suas revelações, pelas quais ostentam um fanatismo tão feroz como esse que exibes, quando da tribuna onde arengas fulminas aqueles que, por completo, se emanciparam do jugo do catolicismo, em cujo favor estás improficuamente a consumir as tuas energias.

A revelação!... Mas quem é o basbaque, d. Sebastião Leme, que, nos tempos actuais, acredita em semelhante burla?

Será admissivel que te caiba mesmo na mente que um espirito elevado possa imbuir-se de uma noção qualquer scientificamente absurda, só porque tu lhe dizes que essa noção dimana de um Deus qualquer?

E como tens certeza de que o grau de adiantamento a que chegou o espirito humano no Ocidente fez com que ele se expurgasse de quantas bugigangas lhe tolhiam os impulsos, não encontras expressões pare malsinar o racionalismo, que nada mais é do que a analise dos dogmas religiosos operada pela razão escoimada de todo e qualquer preconceito de ordem teologica.

Em boas palavras: não queres a intromissão da inteligencia nas coisas da fé, nem de modo completo, nem de modo parcial.

Perante os artigos da fé és de parecer que o homem meta no saco a sua inteligencia, o seu criterio logico, o seu simples bom senso.

Em ordem a semelhante modo de pensar, disseste na conferencia que dissecamos:

> O fim principal da religião natural é adorar a Deus.

Repelimos de modo absoluto o teu conceito sobre a religião natural.

Esta tem por fim não a adoração de uma entidade que, se existe, ainda não deu demonstração palpavel da sua existencia, mas que, ao contrario, é inconcebivel nas condições em que a propondes, vós os deistas, á adoração humana.

O fim unico, exclusivo da religião natural outro não é que o desenvolvimento da solidariedade humana, pelo aperfeiçoamento moral dos individuos que constituem a especie.

CAUTÉRIOS

LXXXIX

O cónego-dr. Sansoni

Hoje, na minha faina prosseguindo,
Aos atentos leitores vou contar
Mais um caso gentil, heroico e lindo
Da existência dum santo alvo e exemplar:

E' o Sansoni, tão nosso conhecido,
Poço de santidades e de manhas.
O que eu lhes vou dizer, e é mui sabido,
E' uma de suas rútilas façanhas:

Mirando certa vez poeticamente
Os desertos da Minas alterosa,
Veiu-lhe ideia genial à mente:
Encher de gente terra tão ditosa.

Aqueles campos férteis, verdejantes,
As florestas pejadas de riquezas,
Os rios nemorosos, cascateantes,
Os lagos transbordando de belezas,

Todos estes tesoiros da Natura
Considera banais e sem razão.
Scisma, mas logo após se transfigura,
Encontra para o caso solução:

Toma o seu guarda-pó e embarca lesto
E lá em Belorizonte vai parar.
Faz com o Govêrno um trato muito «honesto»,
Para os sertões mineiros povoar...

Com a mesma prontidão e a mesma pressa,
Vai para a Itália o cónego-doutor.
E quando enfim para o Brazil regressa,
¿Que é que nos traz o colonizador?

Simplesmente uma dúzia de donzelas,
Frescas, formosas, prenhes de desejos,
De olhos feitos de rútilas estrelas,
De bocas suspirando por mil beijos!

Elas e êle, com acêrto ponderava,
Eram bastantes, mesmo em demasia.
Em pouco tempo, a todos afirmava,
Minas de gente regorgitaria!

Instalou com cuidado o seu serralho...
Mas o Inimigo, o pérfido Satan
Veiu estragar em meio o seu trabalho,
Dar cabo do seu casto e honesto afan...

Ciumes talvez, talvez mesmo revolta
Da consciência burlada das «colonas».
O caso é que elas foram-se de volta
Para a terra das pálidas madonas...

E o Sansoni ficou abandonado,
Falto de amores, falto de carícias...
Até hoje inda chora desgraçado,
De saudade das bárbaras patrícias!

E para coroar tanta maldade,
(Tão grande assim não há quem mencione!)
O Govêrno da Itália, sem piedade,
Inda processa o mártir do Sansoni!

E eis aí, num estilo ínfimo e vário,
Terminada a ligeira narração
Da aventura-modêlo dum vigário
Tão dedicado à colonização!

Beato da Silva.

E tudo quanto isso não for, será o que quizeres, menos a verdadeira, a unica, a genuina religião natural, tal qual é concebida pelo espirito moderno.

Desde que consideras axioma uma petição de principios, que é a existencia de Deus, comprende-se muito bem que não queiras graças com racionalistas ou semi-racionalistas, dos quais os primeiros exigem as provas dos principios que estabeleces *á priori*, e os segundos concedem á tua grei, já algumas coisas, que são o que chamas — verdades religiosas, fornecidas pela razão, como se a razão pudesse fornecer «verdades religiosas» na acepção exacta da palavra, porêm de caracter espiritualista.

E ai! de quem não acatar como evidentes as proposições ou artigos de fé formulados pela tua Igreja. São homens improbos, veementes, ímpios, escravos das suas paixões e que deviam ser eliminados da sociedade, a bem da salvação das almas eleitas.

Ha pouco, liamos uma obra intitulada — *Apris le catechisme*, escrita por um sacerdote francez e aprovada por monsenhor Vigne, arcebispo de Avignon. Tinhamos sob as vistas o artigo — A Igreja e a Razão — onde encontrámos as seguintes passagens, nas quais pode-se admirar no mais alto grau a dialectica sofistica peculiar aos autores catolicos:

> O titulo de *livre-pensador*, na verdadeira acepção, é um titulo de honra. Dá-se áquele que procura a verdade, sem *parti-pris* sistemático, na rectidão de seu espirito e na sinceridade do seu coração — áquele cujo espirito e cujo coração ficam isentos de toda a paixão, de todo o odio, de todo o prejuizo.

Entretanto, após uma tão bela definição, acrescenta o escritor:

> Os livre-pensadores não são *livres* porque são escravos de todas as paixões, de todos os odios religiosos amontoados pela incredulidade contra o catolicismo.
>
> Os livre-pensadores não são *pensadores*, porque nada sabem dos problemas que interessam mais de perto a humanidade e que são os referentes á sua origem e ao seu destino.

E assim discorrendo, o autor da obrinha, que é destinada a completar a educação cristã da mocidade francesa, deixa claramente transparecer:

Que considera legitimos e verdadeiros livre-pensadores tam sómente aqueles que apenas crêem no que ensina a muito santa Igreja Catolica-Apostolica-Romana;

Que todos quantos não engulam as pilulas que á humanidade procura propinar a mesma Igreja são escravos de todas as paixões e apenas agem compelidos pelos odios, que a incredulidade armazenou contra o catolicismo;

Que os livre-pensadores não são *pensadores* porque não se preocupam com os problemas da origem e dos destinos do homem, como se não fôra exactamente o estudo acurado de tais problemas, que mais tivesse concorrido para emancipar a inteligencia humana do jugo da Igreja.

Risum teneatis!

Somos capazes de apostar que o autor do livreco, a que nos reportamos, é jesuita, cultor da logica bizantina e nenhuma admiração experimentaremos se um dia se nos deparar alguma outra obra sua, na qual assevere que os verdadeiros racionalistas são os membros da Igreja catolica.

Os filosofos e os scientistas, diz d. Sebastião Leme, não teem competencia de especie alguma em materia religiosa.

Autoridades no assunto só são os padres. Suprema autoridade na questão é o papa.

Em materia de fé, d. Sebastião Leme tem os filosofos e os scientistas na conta de cavalgaduras, de verdadeiros bois a olharem para palacios.

A sciencia ceda á fé — é o lema do bispo de Ortosia, parafraseando o *Cedant arma togae* dos antigos romanos.

Isso, porêm, está em tanto dificil de conseguir.

Os espiritos hoje não teem a docilidade dos de outrora, quando o que alguem mais do que tudo receava no mundo era uma excomunhão irrogada por autoridade eclesiastica.

D. Sebastião Leme é o primeiro a afirmar que hoje em dia ninguem mais no Brasil tem fé no catolicismo, e essa afirmativa é a primeira verdade que até então já saiu dos labios do bispo de Ortosia nas suas conferencias quaresmais, verdade com a qual concordamos em genero, numero e caso.

Disse ele em relação aos brasileiros:

> Vivem a dizer que teem religião e são mesmo catolicos, mas não raro são precisamente a contradição do catolicismo.
>
> Muito preferivel seria que se dissessem maçons, positivistas, ateus ou o que outro nome tenha, mas... catolicos, não e não.
>
> E se julgardes que não tenho razão, exclama o orador, outro argumento não me resta.
>
> Envergonhado da minha época, irei pedir a Nosso Senhor que nos conceda tempos de coerencia e lealdade, para que os homens tenham a franqueza de dizer que são aquilo *que na realidade são.*

Bravo! Bravissimo! E' isso mesmo, d. Sebastião Leme.

Tu e os teus colegas viveis cercados de hipocritas, que afetam crenças que não posuem, sentimentos que não nutrem só e tão sómente por conveniencias de ordem material.

Ninguem nos tempos actuais toma a serio o catolicismo.

Mesmo os raros *praticantes* que andam presos á tua samarra violeta e á dos teus colegas, ou procuram apenas explorar-vos por todos os modos, aproveitando-se das excelentes disposições de animo, que ostentais com aqueles que vos acompanham de perto e que vos são subservientes, ou são espiritos fracos, pusilanimes, que se arreceiam de qualquer mal que lhes possam fazer, em consequencia de um qual prestigio politico, de que ainda gosais no paiz.

O mais carola desses tipos, que viveu a bajular o clero, é, como o disseste, a *contradição do catolicismo.*

São seres abjectos, incapazes de externar os seus odios e para quem o unico ideal na vida é satisfazer a *sacra fames auri.*

Franqueza, sinceridade, isso só encontrarás nas fileiras do *livre-pensamento.*

Nós te consideramos nosso adversario não na tua qualidade de homem, mas como ministro de uma seita, que ha sido funestissima á sociedade.

Damos-te, porêm, combate com lealdade e a peito descoberto, pelo que jámais poderás arguir-nos de tartufos.

Sim, d. Sebastião Leme, vai pedindo, no íntimo da tua alma, ao teu Deus e ao teu Senhor que faça com que os homens tenham a franqueza de dizer que são *aquilo que realmente são.*

Por nossa parte, abundando nos votos que alçaste, ficamos tambem a almejar para esta nação tempos ditosos, em que os homens, não tendo medo das caretas da clericanalha, tenham bastante coragem e dignidade para se exibirem quais são, isto é, sem uma mascara de catolicos que, na sua maioria, trazem afiveiada ás faces.

Para o proximo numero breves considerações sobre a tua terceira conferencia, ó venerabundo bispo de Ortosia.

Ignoto.

URGENTE

A todos os amigos que nos devem remeter dinheiro de assinaturas, pacotes, livros e folhetos, pedimos que o façam imediatamente, pois temos de satisfazer importantes e urgentes compromissos.

Esperamos ser prontamente atendidos por todos os companheiros neste caso, dispensando-nos o trabalho de a cada um fazer directamente este pedido.

Lembrem-se todos de que não somos dotados da faculdade de repetir o milagre da multiplicação biblica...

Materia que fica

Isto até já parece padre-nosso de velha beata.

Temos a gaveta e a pasta repletas de originais: artigos, correspondencias, noticias, notas a comentar, etc.

E que fazer? Com a divulgação que vai tendo por todo o paiz a *Lanterna*, vemos aumentar constantemente o numero dos nossos colaboradores, cujos escritos aqui ficam, como os candidatos a empregos publicos, a espera de vaga...

E isso sem falarmos num sem numero de factos de actualidade que somos obrigados a despresar, contrariando a nossa maneira de fazer o jornal.

S. Padre Eterno, a *Lanterna* diaria nos dai logo, assim como a tua gente assunto abundante nos dá sempre...



O aniversário do «domingo de sangue» na Rússia — Algumas rápidas considerações sôbre o grande facto histórico — Que resta da revolução? — As classes médias são hoje pouco revolucionárias em todo o mundo: o medo do povo — O povo trabalhador não se esquece — Uma greve comemorativa em S. Petersburgo — Renascimento operário e sindical no imperio do knut *— A fôrça das reivindicações populares e a impotência da repressão.*

LISBOA, 2 DE FEVEREIRO

Os operários russos celebraram o oitavo aniversário do morticínio de 22 de janeiro — aquela trágica jornada em que o povo trabalhador de S. Petersburgo, conduzido pelo pope Gapone, foi recebido com descargas cerradas pelos soldados do csar, quando ia cândidamente suplicar ao «paizinho» modestas reformas, um magro bocado de liberdade...

Aos suplicantes foi distribuído chumbo, largamente, profusamente, generosamente. E — oh! dolorosa, mas imperiosa verdade! — foi melhor do que pão! A terrível lição fructificou, o sangue vertido fecundou as searas futuras.

A revolução irrompeu desde então, ergueram-se as barricadas reivindicadoras, e a greve geral, apesar de balbuciante e inexperiente a organização operária, mostrou a sua fôrça prodigiosa. O tsarismo cambaleou, desorientou-se, lançou a mão aos expedientes salvadores.

E, no entanto, perdurou, através duma ténue e diáfana máscara de hipocrisia. O mundo oficial russo vai mesmo festejar com pompas e galas o terceiro centenário do advento da dinastia dos Romanoff, imperialmente inaugurada pelo imbecil Miguel Federovitch.

Mas a revolução de 1905? Que é feito dela?

Oh! sim, foi esmagada por uma repressão implacável, sob a crueldade feroz dos cosacos, sob a selvageria sanguinária dos *cem-negros*, no horror das execuções e deportações em massa, dos *pógromes* e das chacinas. E à medida que eram domadas as últimas resistências, a reacção tsarista crescia de audácia e de arrogância, rasgando pouco a pouco os seus frágeis véus de disfarce.

A vitória tsarista é, porêm, precária e passageira. A ideia da revolução ficou. Não ganha talvez muito terreno no seio das classes médias, porque estas, desejando libertar-se dum regime político que não é ainda a exacta expressão dos seus interesses e o instrumento perfeito das suas vontades, não querem contudo fazêlo com grave risco de cair a revolução nas mãos do proletariado, ou de dar a êste uma grande energia nova e uma forte confiança no seu valor. E assim, lá como nos outros países monárquicos, à medida que se fortificam em consciência e em organização as classes operárias, vão fugindo à burguesia liberal a ocasião e o desejo duma transformação política por meio da acção popular.

Mas é nas massas trabalhadoras que se mantêm vivaz a ideia revolucionária e que ela continua a germinar, com as primeiras florescências duma primavera rubra. Os trabalhadores, êsses não se esquecem; não se esquecem dos seus mártires, nem abandonam as suas aspirações, nem desfalecem no seu ânimo.

Em 22 de janeiro, a recordar a data trágica e a clamar a imperecivel confiança na vitória futura, só em Petersburgo houve 50 mil grevistas; e só a custo é que a polícia conseguiu dispersar o cortejo que ia percorrer a cidade, repisar talvez o trajecto de há oito anos...

Em toda a Rússia, o movimento operário retoma novo vigor. As greves sucedem-se, como a de oito mil operários da Sociedade Bovodnick de Riga, declarada em princípios de janeiro, e a que, nos fins do mesmo mês, estalou nas usinas Putiloff, abrangendo doze mil grevistas. Foram estas usinas as que forneceram maior contingente à historica manifestação do «domingo sangrento» de 1905.

Apesar da furiosa repressão, conservam-se em Petersburgo quinze organizações operárias, com um jornal. Em Moscou e nas províncias, há sindicatos que resistem à rajada destruidora. Alguns que são dissolvidos reorganizam-se com outro nome: é o caso da União dos metalúrgicos.

Significativa lição para os govêrnos tomados do desvario repressivo! Na própria Rússia, mosaico de populações e regiões dessemelhantes, atrasadas umas, outras adiantadas e industrializadas, oprimindo-se todas entre si; na própria Rússia, país de autocracia e de arbitrário burocrático, a repressão não conseguiu extinguir as aspirações populares; e se demora a sua realização, é para tornar mais violentas as explosões da revolta.

Neno Vasco

MIGUALHAS DAS HOSTIAS

Berlim, 13. — O novo arcebispo de Colonia, monsenhor von Hartmann, prestou hoje juramento *na presença do imperador*, do cabido e das altas autoridades eclesiasticas da arquidiocese.

Finda a cerimonia, que teve lugar no palacio imperial, o imperador Guilherme felicitou o novo prelado e manifestou-se profundamente satisfeito por ver que cada vez se estreita mais a amizade cordial entre a igreja e o chefe do Estado.

(Jornal do Comercio).

Se os tempos se mudam, porque motivo a Igreja tambem não se ha de mudar com eles, apesar da sua pretensa imutabilidade?

Ora, vejam só:

Antigamente, quando um chefe de Estado europeu não dobrava a espinha perante o Papa, era excomungado e os seus subditos desligados do juramento de fidelidade, que se admitia lhe haverem prestado.

Henrique IV, julgando que a sua corôa corria perigo, por ter feito fusquinhas ao Soberano Pontifice, não teve como ir a Canossa, onde este se encontrava e onde só obteve absolvição dos seus pecados depois de haver-se sujeitado a duras e humilhantes penitencias.

Hoje, um arcebispo catolico presta o juramento da pragmatica em presença de um imperador protestante, de um chefe da igreja schismatica.

E' que a Igreja só se mostra inflexivel em seus principios quando se sente forte, vigorosa.

Desprestigiada, porêm, como está agora, ela tomou a resolução de transigir, ainda que isso importe uma ruptura com as tradições, verdadeiras ou falsas, de que sempre se mostrou tão ciosa.

E vá agora alguem lhe dizer que ela se transforma com os tempos!

Excomunhão pela certa...

Na Biblioteca Lancisiana, em Roma, há um codigo arabe, em que estão registadas varias receitas para as mais diferentes molestias; essas receitas consistem em preces especiais, que variam conforme o mal, sendo, porêm, identicas a manipulação farmaceutica que as acompanha. Basta escrever num pedaço de papel a prece indicada pelo codigo e faze-la engulir, desse modo, pelo doente.

As linhas acima foram extraidas de interessante artigo que, sob a epigrafe *Bibliofagia*, publicou o *Jornal do Comercio*.

Não precisamos ir muito longe, para encontrarmos a pratica curiosa da ingestão de preces escritas em fragmentos de papel como meios terapeuticos contra varias enfermidades.

De há longos anos os vigarios das diversas paroquias de Minas distribuem aos seus fregueses orações garatujadas em tiras de papel e que, engulidas á guisa de pilulas ou capsulas, curariam infalivelmente grande numero de doenças.

Assim é que ás parturientes costumam administrar, sob a forma pilular, um fragmento de papel, no qual se acham impressas as seguintes letras: O. M. S. L. C. O. P. N. P. C. F. P.

Tais letras correspondem á conhecida jaculatoria:

O Maria sine labe concepta ora pro nobis Patrem cujus Filium peperisti.

Não faz muito, vimos numa roda de pessoas cultas em Ouro Preto certo padre de estirpe alemã e que costuma viajar em companhia do arcebispo d. Silverio, asseverar com a convicção de um pobre de espirito que, no caso de qualquer dificuldade para a terminação do parto, uma das pilulas, que acabamos de mencionar, produz resultado muito mais eficaz do que o forceps ou a mão do mais habil parteiro.

Ja vêem os leitores que, sob o ponto de vista das superstições, como sob muitos outros, os catolicos em nada ficam aquem dos muçulmanos, que eles teem a presunção estulta de julgar inferiores em civilização.

Canalejas, que era um espirito conciliador, tentou fazer uma paz honrosa com os clericais: mas os bispos, obedecendo ás ordens de Roma, fizeram pé firme em um ponto — a questão do ensino elementar. Um dos bispos, menos prudente, chegou mesmo a confessar a Canalejas que a Igreja encarava o analfabetismo das massas populares como um mal necessario, como uma couraça que os protegia contra a influencia nefasta dos partidos adiantados.

(Trecho de um artigo sobre a política espanhola, vertido de um jornal inglez e publicado no Jornal do Comercio).

Olhem só o bispo espanhol a descobrir ingenuamente a táctica da Igreja.

Todo o mundo sabe que o catolicismo só por hipocrisia se mostra amigo do progresso, mas que, se possivel lhe fôra, manteria todas as nações na mais absoluta ignorancia, como se deu com o Paraguay sob o dominio dos jesuitas, no tempo das antigas *reducções*.

A ignorancia é para o clero catolico um mal necessario, porque actua como uma couraça que protege as massas populares contra «a influencia nefasta dos partidos adiantados».

As ratazanas vivem nos lugares escusos; os mochos teem o seu *habitat* natural nas trevas.

A Religião não quer a instrucção do povo, porque assim o subtrairá ao dominio da clericanalha.

Os partidos adiantados incutem no animo do proletariado a noção exacta dos seus direitos.

O clero quer que as classes productoras jámais suspeitem que vivem a sustentar um enxame de parasitas sociais, cujo expoente mais exacto é representado pelos intitulados ministros de Cristo.

Donde, a necessidade para esse mesmo clero da ignorancia, a que ele hipocritamente chama — mal necessario.

Agora esperamos um pouco que, com certeza, d. Sebastião Leme vai dizer do pulpito da catedral carioca que a Religião foi sempre amiga da instrucção e que ninguem mais do que ela jámais propugnou a difusão do ensino entre as massas populares.

Ah! Estes padres... estes senhores padres...

I.

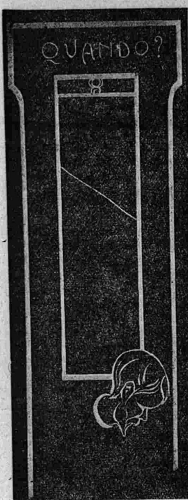
Bíblia vermelha

Tambem nós não protrairemos por mais tempo esta scena de luta moral, em que o virtuoso velho trabalhava por salvar um desgraçado, que nascera bom e honesto, e que a sociedade fizera culpado. Mentirosa, corrupta, e má, a vida social, cheia de erros, preocupações e vicios, danada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes, educa as gerações e os individuos, legando-lhes largo cabedal de perdição; e quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tendo bebido uma seiva venenosa, produzem seus frutos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hipocrita, horroriza-se, abomina a sua obra e, ajuntando-se á roda do cadafalso dos supliciados, que ele proprio lá conduziu, saúda uma coisa a que poz por nome justiça e que não é mais que uma desculpa embusteira da ignorancia e da perversidade, não do individuo criminoso, mas desse vulto hediondo e infame chamado sociedade, para o qual não ha, nem leis, nem punição, nem algozes.

(TRECHO DO ROMANCE «Monge de Cister», DE ALEXANDRE HERCULANO).

RUSSIA

22 de janeiro de 905



Lição de catecismo

Em 22 de janeiro, foi julgado pelo tribunal correcional de Mâcon, França, o padre Tivino, cura de Leynes, que, durante a lição de catecismo de 29 de novembro ultimo, exigira os nomes das crianças que na vespera tinham assistido a um enterro civil, batera numa pequenita, a menina Charmay, esbofeteara o menino Paulo Vincent e dissera insolencias e infamias das familias que mandam enterrar civil-os seus membros.

Isto é mais um facto a provar o medo que os padres teem á ruina do seu comercio, e o amor que eles dedicam á infancia, a arte carinhosa com que eles a educam...

"A LANTERNA" EM VIAGEM

Em Bariri

Teve realização, quarta-feira atrasada, em Bariri, a conferencia anunciada pelo nosso companheiro João Penteado, que se ocupou do tema — *A questão social, o operariado e a lei de expulsão de estrangeiros.*

O teatro Bariri-cinema, gentilmente cedido pelo seu proprietario, esteve repleto de povo, comparecendo a ele, tambem, para mais realçar aquela sessão de propaganda, a bem apreciada corporação musical regida pelo maestro Malatesta, que pelo nome, parece, deve ter algo de anarquista.

Houve uma enchente á cunha. No teatro se viam representadas diversas classes sociais: medicos, farmaceuticos, advogados, comerciantes, funcionarios publicos, operarios, todos interessados pelo que se ia falar com referencia á iniqua lei de expulsão de estrangeiros no Brazil.

O nosso companheiro ali foi generosamente acolhido por grande numero de amigos, que em tudo lhe favoreceram afim de ser realizado o seu intento.

A sua apresentação perante o auditorio bariiriense foi feita pelo sr. Erasmo Corrêa, advogado no fôro daquela prospera cidade.

As impressões ali recebidas pelo nosso companheiro são as melhores possiveis. Bariri hoje, segundo a sua opinião, é uma cidade digna dos mais elevados conceitos no que toca á liberdade de consciencia e pensamentos, podendo até, neste sentido, dar exemplo a tantas outras, que, conquanto sejam mais conhecidas, podem tomal-a por modelo.

***

A Lanterna em Bariri é bem aceita. Ainda, desta vez, devido aos valiosos auxilios dos srs. Eugenio de Arruda Campos e Candido Martins, o nosso companheiro João Penteado conseguiu obter ali mais vinte e tantos assinantes novos, que, como todos, aplaudem a ideia da publicação diaria de nossa folha.

Em Jahú

Na séde do Centro Operario daquela cidade realizou-se terça-feira passada uma conferencia de propaganda, á qual compareceu grande numero de pessoas.

O tema escolhido pelo nosso representante, ainda desta vez, foi *A lei de expulsão de estrangeiros.*

Nessa ocasião se fez um protesto contra a monstruosa lei Gordo, que é a maior vergonha para a nossa civilização.

A "Lanterna" transformada em diario

Ocioso seria estarmos ainda a insistir sobre a necessidade da publicação diaria da *Lanterna* e os beneficios inumeraveis que essa iniciativa trará á nossa propaganda.

Já aqui o patenteámos, e comnosco todos os amigos do jornal que se teem manifestado sobre este importantissimo tentamen, que o semanario não basta para suprir as crescentes exigencias da propaganda.

A *Lanterna* necessita e deve transformar-se no nosso diario de combate a todas as forças reacionarias — poclamamos nós e ainda não encontramos um só companheiro que se manifestasse em contrario.

Por que então não tornamos já um facto o que é aspiração geral? Dependesse do nosso entusiasmo e do nosso esforço e já te-la-imos a circular por aí além como o porta-voz dos elementos da vanguarda.

Infelizmente, porêm, ás convicções e ao entusiasmo pela propaganda do nosso ideal não se junta aquilo que abunda no Vaticano...

Com sacrificios, ás vezes dificilmente vencidos, com muito trabalho e constancia conseguimos publicar o jornal, com uma pontualidade ininterrupta, durante já tres anos e tanto, firmando-o como semanario. Agora a propaganda exige que ele inicie a sua publicação cotidiana, mas nós não dispomos do capital indispensavel para essa obra grandiosa.

De nosso temos só os braços para trabalhar, as convicções inabalaveis e o amor pela luta.

Eis porque recorremos ao auxilio dos companheiros de ideias.

Não pedimos para nós, é ao jornal, cuja vida a todos interessa, que urge prestar ajuda.

Ao nosso apelo correspondeu com entusiasmo enternecedor um bom numero de companheiros, na maioria pobres como nós, dispondo-se a arrancar uma parte dos seus parcos salarios para correr em ajuda do jornal!

E o resultado é já animador. Em um mez e pouco já estão subscritos 3:700$000, fóra varios compromissos indeterminados.

Mas ainda é pouco. E nós queremos dar o mais breve possivel execução ao projecto.

Apressem-se, portanto, os que estão conosco de acordo. As protelações enervam-nos e prejudicam-nos.

Ousamos usar de certa franqueza: ha muitos livres-pensadores, muitos amigos do nosso jornal cujas condições economicas permitem, sem grande sacrificio, ajudar-nos a levar a cabo a grande obra.

Porque não o fazem?

Nós aqui estamos para sustentar a luta abertamente, apresentando-nos de frente ante o inimigo. E muitos ha que não querem ou não o podem fazer, no receio de romper com certas convenções sociais.

Pois nós aqui estamos.

Não queremos nada para proveito pessoal. Ajudem-nos a tornar a *Lanterna* diaria.

Que se espera?

Amigo Edgard Leuenroth:

Cordiais saudações.

Junto a esta envio o meu compromisso de 20 acções para que possamos ver em pouco tempo a *Lanterna* um jornal diario e progressivo a combater contra todas as religiões, que em todos os tempos têm sido a causa dos males da humanidade. Este desejo de ver a *Lanterna* diaria é nascido do desejo da emancipação dos preconceitos religiosos.

Baurú, 23 — 2 — 913.

Valencio Ferraz de Camargo.

⁂

Prezado Edgard:

Embora um pouco tarde, quero tambem expôr a minha opinião quanto á publicação diaria da *Lanterna*, para o que assumo o compromisso de ficar com (quantas direi?) as acções que a minha *força monetaria* permitir.

Do amigo

Bueu D'Ogladih.

S. Paulo, 20 — 2 — 913.

⁂

Amigo e camarada E. Leuenroth:

Saude.

Sou assinante da *Lanterna* quasi que do principio de sua presente publicação, por ti dirigida e encetada por ocasião em que era realizado o monstruoso assassinato de Ferrer. Devo, pois, confessar-te que fiquei muitissimo satisfeito quando li que aventaste a ideia de fazer desse jornal um diario.

Vendo que essa maldita raça vaticanesca aumenta de uma maneira assustadora, e ainda com o governo a auxilia-la escandalosamente, tambem julgo que o nosso combate deve ser mais forte. Portanto, é uma necessidade a *Lanterna* tornar-se diaria. E's bastante sério e propagas o teu ideal com bastante sinceridade. Justo é, portanto, que os que tivérem amor pela causa da humanidade não deixem de te auxiliar neste momento.

Quanto ás acções, não te posso dizer com quantas ficarei, pois vendi o negocio e não sei para onde e o que irei fazer, mas conte comigo que algumas serão minhas, custe o que custar, esteja eu onde estiver. Aperta-te a mão cordialmente o teu amigo

Antonio Pereira da Cruz.

Pirituba, 12 — 2 — 1913.

⁂

Correligionario e caro amigo:

Muito saudar

Temos presente o vosso memorandum-compromisso de subscrição, que demoraremos ainda por algum tempo a devolver, para melhor medirmos o maximo a subscrever. Como sabeis, tendo nós um compromisso suspenso, (queremos nos referir ao folheto), não podemos obrigar-nos além de nossas forças, porêm para um pronto calculo podeis contar com dez, que serão subscritas por meus filhinhos. Porêm o que penso é conseguir cem acções entre os ganganelis daqui, para o que peço mandar-me uns memoranduns em branco afim de faze-los subscrever.

Sem comprometer-nos formalmente, pensamos no entretanto não ser impossivel e até quasi certo obter.

Cidade do Rio Grande, 12—2—913.

X. X.

⁂

Caro Edgard:

De acôrdo com a tua ideia de fazer de nossa *Lanterna* uma folha diaria, para assim derramar mais luz sobre tantos cerebros atrofiados pelos homens que se dizem representantes de uma religião que reputamos a mais nociva ao desenvolvimento do progresso humano, subscrevemos cinco acções, sendo duas para Maximiano de Macedo, duas para Miguel Fraga Ribas e uma para Miguel Carcele.

Teu camarada

Maximiano de Macedo.

⁂

Sr. Edgard:

Contem com o meu fraco apoio para a *Lanterna* diaria.

Tambahu, 21 — 2 — 913.

Antonio de A. Santos Sobrinho.

⁂

Amigo Edgard Leuenroth:

Saudações.

A' sua feliz ideia de transformar a *Lanterna* em jornal diario, encheu-me de jubilo. Era de meu dever depor em suas mãos o concurso de minhas forças, mas tão precaria está minha finança, que estava disposto a silenciar a tal respeito. Considerando, porêm, que este silencio seria um crime para quem se orgulha de ser livre-pensador e não querendo curtir um remorso de consciencia, peço ao amigo para consentir que eu subscreva com uma acçãozinha, afim de que eu possa tomar parte neste empreendimento, o que para mim é prazer.

Vila de Itauna, 15 — 2 — 915.

Hermenegildo Dertonio.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

Junto remeto o coupon que me enviates, cuja assinatura cobre apenas 1 acção, pelo facto de não ser possivel exorbitar dos limites das minhas condições pecuniarias.

Não nos demove ambição de lucro, antes, pelo contrario, a publicação diaria da *Lanterna* traz-nos um lucro moral e mesmo material indispensavel.

Amalio Gama.

Vitoria, 15 — 2 — 913,

⁂

Companheiro Edgard:

Saude e muita coragem para a luta é o que eu lhe desejo.

Apesar de o não conhecer pessoalmente, já me é bastante simpatico, pelo esforço que tem feito para sustentar a nossa querida *Lanterna*, orgão que combate a corja de sotaina atrofiadora do cerebro do povo,

Sinto não ter estudos bastantes para lhe dizer o que sinto neste momento pela sua iniciativa de tornar diaria a publicação da *Lanterna*, jornal defensor dos oprimidos e de combate á cafila de batina, que traz na cabeça a marca de sua fabrica industrial.

Precisamos, amigo Edgard, combater terrivelmente estes parasitas que sairam das cavernas escuras de Loiola para firmar o dominio da burguesia.

Junto a esta o meu compromisso tomando 2 acções como auxilio para a publicação diaria da nossa querida folha. Se mais não faço é devido os meus pequenos recursos não andarem muito bons. Mas a boa vontade tambem ajuda muito, para que nós os livres-pensadores possamos um dia dar cabo da canalha de roupeta que invade o nosso Brasil e que em nome dum deus pratica toda a especie de crimes.

Rio, 18 — 2 — 913.

José Lomas.

⁂

Companheiro Edgard:

Só hoje posso remeter o meu coupon de adesão á *Lanterna* diaria. Por estes dias escreverei. Aceite abraço do companheiro

João Hamacek.

Sabará, 23 — 11 — 913.

⁂

Aos bons companheiros da *Lanterna* as minhas saudações pela ideia de publicarem essa folha diariamente, o que logo se tornará um facto real, dado a boa vontade de todos os anticlericais que tenham realmente um pouco de amor proprio á sua causa.

Lembranças dos roupetas daqui e um abraço do

Simplicio Alves.

Jahu, 13 — 9 — 913.

A lei de arrocho

Em Portugal

LISBOA, 11 — O delegado da Confederação Operaria Brasileira iniciou uma serie de conferencias combatendo a emigração para o Brasil.

Na Espanha

MADRID, 20 — Realizou hoje uma conferencia na Casa do Povo acerca da emigração para o Brasil um delegado da Confederação Operaria Brasileira, por nome Antonio Filgueiras Vieytes, o qual atacou violentamente os tomentadores dessa emigração, que declarou ser absolutamente prejudicial para a Espanha e principalmente para os emigrantes.

O orador citou varios casos para provar que a maioria dos emigrantes em vez de melhorar de situação vai encontrar maior miseria e maiores dificuldades, vendo-se muitas vezes obrigado a reagir contra os atropelos praticados pela propria policia.

Em seguida leu um manifesto da colonia espanhola do Brasil dirigido ao governo daquele paiz, protestando contra os abusos de que era vítima, e um telegramma passado pela mesma colonia ao governo espanhol, pedindo a este a sua interferencia para se obstar eficazmente á referida corrente emigratoria.

Concluindo, o conferencista exortou a imprensa espanhola a auxiliar a campanha encetada, afirmando que essa atitude lhe era imposta pelo decoro da nação.

Um dos representantes do conselho da Casa do Povo subiu então á tribuna e declarou que aquela colectividade dará o seu concurso desinteressado á causa defendida pelo sr. Vieytes, procurando por todos os meios convencer o governo da verdade das afirmações feitas e contribuirá monetariamente para as despesas a fazer com a propaganda em todo o paiz.

O sr. Vieytes partirá amanhã para Vigo, de onde seguirá para Orense, Pontevedra, para o norte de Portugal e para a Andaluzia, afim de dar execução ao seu plano.

⁂

Na Loja maçonica "Lealdade e Firmeza", do Oriente deste Estado, em sessão do dia 10 de janeiro, o sr. Moisés Nóbrega pronunciou um veemente discurso contra a lei tirana da expulsão de estrangeiros, convidando os maçons de coração a se oporem á sua absurda execução.

Secção amena

Numa aula de catecismo:

— Que é preciso fazer para se subir ao céu?

— Tomar um aeroplano.

Certo lavrador foi ter com o vigario da sua freguesia, pedindo-lhe que dissesse uma missa por alma de sua esposa e prometendo por ela cinco mil réis.

O padre, que estava a almoçar, ofereceu um copo de vinho ao roceiro, dizendo-lhe, entre duas piscadelas de olhos:

— Ande, prove deste vinho que me deu um freguez. E' vinho do purgatorio. Que lhe parece?

— Excelente. E bebe-se deste vinho no purgatorio? Neste caso... — e meteu os cinco mil réis no bolso.

— Que é isso? pergunta admirado o vigario.

— Se minha mulher bebe tão bom vinho no purgatorio, seria eu um maroto, se a tentasse tirar de lá. Que beba! Que beba!

EM GUAXUPE

Já sem tempo de entrar neste numero, recebemos uma interessante correspondencia de Guaxupé, tratando das proesas do famigerado padre Pinto Fraissat, um dos protagonistas de um crime do qual resultou a morte de um moço daquela localidade.

Publica-la-emos na proxima semana.

O jesuitismo em Minas e Goiaz

O olhar luminoso e bemfazejo da *Lanterna* já vem transpondo o Rio Grande e, cá, nas terras das alterosas montanhas, vai abrindo um rastro de luz por entre as trevas do fanatismo em que nos tem envolvido a exploração jesuitica que, ha mais de meio seculo e sob diversos nomes, nos deprime e degrada.

Esse clarão não se limita a Minas: vai alêm do Paranaíba e nas terras goianas, onde a catequese dos miseros bugres ainda é o El-dorado, o Potosi e o harem dos filhos de Loiola, lá mesmo naquelas longinquas regiões já se medita, já se teme o perigo da educação religiosa, cuja pedra angular é a desagregação das nossas familias. Bases mais que seguras, provas mais que concludentes tem manifestado, mesmo aos muito ignorantes, o fim unico e exclusivo desses exploradores da humanidade: ganhar dinheiro e mentir sempre em nome do seu Deus. Entre milhões de exemplos, vejamos alguns: aqui em Minas, em muitos colegios as crianças, sem higiene alguma, pessima e parcamente alimentadas, são candidatas, muito viaveis, á tuberculose, isso logo nos primeiros meses de reclusão. Em alguns gimnásios a venda de doces, o aluguel de romances a tostão, o fornecimento de chapéus, bonets, e mil coisas mais constituem *un piege tres bien dressè* ao bolso dos pais, a algum níquel dos pequenos e ao imposto municipal; e se algum *tirinho de revólver ou um punho de frade raivoso, armado de alicate, vitima um aluno*, isso nada é, vai para a camara do silencio, tampa-se com o solidéu, ou esconde-se nas dobras da batina e... *favet Neptunus enui:* as autoridades fazem vista gorda: os medicos atestam uma infecção qualquer, os pais recebem um consolo em *dinheiro* e tudo passa como um pesadelo, porque, infelizmente, a maioria dos brasileiros tolera tudo, excepto queimar-lhes a casa, ou roubar-lhes a mulher...

Em Goiás algumas moças, fanatizadas pelas freiras de Minas, impuzeram ao pai o tributo de 6 contos de reis para lhes ser possivel *professar*, e como fossem tres, a renuncia á felicidade de serem mãis e mulheres uteis custou ao velho 18 contos de réis, ganhos com muito trabalho. Em Uberaba, ha anos, duas moças muito distintas, porêm desiguais quanto á fortuna, igualmente ambicionaram tal honra: a rica foi aceita facilmente, emquauto que a pobre nunca conseguiu tal *honraria*. Ultimamente, não contentes ainda com as festas religiosas sem interrupção, festas muito justamente consideradas como a mais perfeita escola de prostituição, os frades e jesuitas de *peletó* lançaram na praça um S. Geraldo, cuja cotação é das melhores e que representa, no catolicismo, o mesmo papel, as mesmas aptidões e habilidades do Mercurio da mitologia, simplesmente com esta diferenca: o alcoviteiro pagão foi mais honesto, mais correcto do que o *onze letras* catolico: aquele não organisou bandos de solteironas a pedir, como cegas, pelas ruas da cidade, num afan sufocante, afim de fazer boa figura lá com os frades e, ao mesmo tempo, conquistar as boas graças do Hermes da mitologia catolica. Com o fructo dessas exigencias, com esse dinheiro arrancado ao povo incauto, construiu-se um altar *supimpa* e fez-se vir de Europa um boneco tão bonito e tão simpatico que, ao descer do trem, provocou um diluvio de lagrimas *sinceras*... E assim organizou-se mais uma ratoeira, com esta isca: ou não casar, ou pager bem a S. Geraldo.

Em Goiás, a catequese dos indios, sobretudo nas margens do Araguaia, é motivo de ciumes e brigas entre os filhos de Loiola. Ali as pobres crianças sao obrigadas aos mais duros trabalhos nas roças dos *santos padres*, alimentando-se com um pedaço de mandioca, sem instrucção alguma a não ser alguma ladainha estupida e *chaleirista*, igual a essas que, para vergonha nossa e enjôo da divindade, ouvimos nessas procissões pagãs que a miudo percorrem as nossas ruas.

Para que o leitor avalie da argucia e má fé desses inimigos da civilização, vou contar um facto ocorrido no aldeiamento dos Carajás, á margem do rio Araguaia: Uma senhora, com educação bem regular, desejou prestar seus serviços na catequese dos indios de Goiás: depois de mil dificuldades, ela e um seu filho chegaram ao aldeiamento dos carajás, onde, de baraço e cutelo, dominava, como rei absoluto, um celebre e velhaco frade, que havia reduyido tudo aquilo a feudo exclusivamente seu e conseguido ser considerado o *tupá* da tribu carajá.

A' chegada, a senhora foi tida como inimigo na costa; entretanto, como é costume dos jesuitas, não faltaram agrados e sobraram oferecimentos. Percebe logo o frade as intenções da hospede e, ao mesmo tempo, viu que ela trazia dentes postiços e, no cerebro de tigre, organizou o plano terrivel de suprimir o impecilho recemvindo.

Chamou alguns caboclos, convenceu-os facilmente do perigo de hospedar uma feiticeira, tão habil, tão extraordinaria, que conseguia facilmente tirar os dentes e coloca-los de novo.

Desse momento em diante estabeleceu-se a espionagem, arma predilecta do jesuitismo, e não tardou que a infeliz senhora muito inocentemente, á vista dos espiões, realizasse esse *cúmulo de feitiçaria:* tirou os dentes e colocou-os de novo.

Um frémito de horror estende-se rapidamente pelas choças dos carajás: a misera recebeu o ultimatum, emanado do Torquemada, e emquanto a infeliz fugia pelas matas, o tigre sagrado ria-se do efeito do seu ardil e malvadez.

São dessa força esses para quem o Brasil abre as suas portas; são esses a quem se entrega o futuro da mocidade: é aos pés desses que familias incautas vão-se prostrar e depositar as suas faltas, supondo-os procuradores do seu Deus. E' inadiavel, é urgentissimo que o povo (pois que nada há a esperar dos poderes dominantes), iniba a entrada e o dominio desses inimigos desta grande terra, que pode vir a ser um vasto campo para os grandes ideais humanos. São espiões que nos podem vender.

Hoje, que o direito de posse está na boca dos canhões e na couraça dos navios; hoje que vemos os fracos espoliados pelos fortes, que vemos o trabalho do operario subjugado pelo capitalista, um povo que conta 75 por cento de analfabetos, fanatizados pelos preconceitos religiosos, não tem, não pode ter as suas liberdades conquistadas e sua independencia muito seguras quando está completamente entregue ao terrivel dominio do clericalismo, inimigo declarado de tudo quanto é progresso, de todos os principios inovadores.

Uberaba, 3 — 2 — 913.

O espectro de Torquato Alcalá.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Sindicato Operario de Oficios Varios — Realizou-se na segunda-feira passada, como haviamos noticiado, a reunião convocada para se tratar da fundação de um grupo com o fim de se dedicar ao trabalho urgente e produtivo para a propaganda da organização da classe trabalhadora deste Estado.

Verificou-se a comparencia dos companheiros mais directamente interessados nessa iniciativa, travando-se entre todos uma animada e proveitosa troca de ideias sobre os meios mais praticos de a levar a cabo no mais breve tempo possivel.

Foi deliberado, com o apoio de todos, dar por constituido o Sindicato Operario de Oficios Varios, que agrupará em seu seio os trabalhadores ainda não organizados para a seguir constituir os sindicatos de classes a proporção que se forem reunindo dez operarios de uma mesma categoria, sindicatos esses que depois reconstituirão a União Local dos Sindicatos Operarios. Quando isto fôr conseguido, será promovida uma conferencia das sociedades operarias do Estado para reorganizarem a Federação Operaria do Estado de S. Paulo, por sua vez filiada á Confederação Operaria Brasileira.

Entretanto o S. O. O. V. será desde já filiado á C. O. B.

Antes de terminar a reunião, foi nomeada a comissão administrativa provisoria, que tratará desde logo de alugar a casa para séde do Sindicato, e uma outra para compilar os estatutos, que serão discutidos na reunião a realizar-se hoje, ás 7 e 1/2 horas da noite, na rua do Riachuelo, 43.

Para essa reunião são convidados todos os operarios que se interessam pela organização de sua classe.

EM SANTOS

Movimento de canteiros — Os canteiros que trabalhám em «macacos» declararam-se ha já bastantes dias em greve reclamando dos patrões um aumento de 10 % nos seus diminutos salarios.

De completa justiça é essa greve, pois as condições de vida em que os canteiros se encontravam era já intoleravel, sujeitando-os a um regimen de miseria, a eles que se dedicam a um dos mais rudes trabalhos.

O trabalho ficou inteiramente paralizado. A policia, para confirmar a sua reputação de lacaia dos exploradores, exerceu contra os operarios a mais estupida perseguição.

Como perseguidor dos trabalhadores se mostrou tambem um novo empreiteiro e antigo canteiro.

Que tome cuidado e pense que ha-de precisar trabalhar em outras cidades.

Festa adiada — A festa promovida pela Federação Operaria em beneficio das familias dos presos, foi adiada para o dia 14 de março, devido a só para essa data ter sido conseguido o teatro.

A "Lanterna" em Coritibanos

(RIO G. DO SUL)

Espalhou-se aqui um suplemento do jornal *O Trabalho*, o qual se refere ao frade Gaspar Flesch, de quem a *Lanterna*, ha algum tempo, publicou o retrato.

Felizmente deste estamos livres, pois deu ás de vila diogo. Esse suplemento não fala tudo quanto devia falar sobre o tal monge. Esquece: os amores do frade com uma tal Josefa America; tocar ele da igreja os habitantes da vila só aceitando os da roça (porque melhor creem nas suas mentiras); só receber esmolas para a construcção da igreja em papel-moeda porque em níquel dava-lhe muito trabalho (manha — em papel só existe de um mil reis para cima); cobrar da familia do joven Romano Lemos 50$000, com muita exigencia, porque um ex-professor subvencionado pelo convento deu lições de violino, em horas vagas, ao mesmo joven.

E muitos outros factos que não catalogamos por fastidioso.

Um seu assiduo leiotr.

Coritibanos. 25 — 1 — 913.

"Aurora Libertaria"

O jornal de que demos noticia no nosso numero anterior e que se deveria chamar *Germinal*, aparecerá com o titulo de *Aurora Libertaria*, nome do grupo que assumiu a responsabilidade da sua publicação.

O seu endereço continua a ser o mesmo: Av. E. Ribeiro, 3, C. 78, Manaus, Amazonas.

O Grupo Aurora Libertaria deseja entrar em comunicação com todas as agrupações de propaganda do Brasil.

Pequenos écos

Um propagandista — Do sr. João Manuel F. Pena, residente em vila de Itauna, Minas, recebemos alguns boletins por si distribuidos em várias épocas, contendo artigos de combate ao clero perversor. Dentre esses avulsos está o soneto XLV dos «Cantérios», sôbre a absolvição, pelo Juri de Curvelo, do assassino do padre Alfredo Marcila, facto que tanta celeuma levantou nos arraiais do clericalismo. Sendo recente, ainda deve estar na memoria dos nossos leitores.

O sr. João Manuel revela-se assim um ardoroso livre-pensador, desses que se preocupam tambem com a propaganda de seus ideiais e que não ficam só no terreno do platonismo. O que precisamos é de gente dessa estôfa, que alie a acção á ideia, que se apresente destemerosamente na luta, que dê assim exemplo aos fracos de coragem e não se recolha egoisticamente dentro do idealismo improdutivo, sem procurar proporcionar aos seus semelhantes o bem-estar dos pensamentos emancipados.

Que o nosso amigo João Manuel Pena continue, modesta mas proveitosamente, na sua obra, e que muitos outros o imitem — são os nossos desejos.

Grupo Dramatico Anticlerical

Reune-se amanhã, 9 do corrente, ás 7 horas da noite, o G. D. Anticlerical do Rio, para tratar de assuntos urgentes. Pede-se o comparecimento de todos.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo 150-A.

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

Restos dos factos de Cullera

O caso Aragó em França

O caso Aragó apaixona agora as massas operarias, os homens avançados e os mais altos representantes do Direito. Aragó, ao ver-se inculpado de participação nos disturbios que encheram de luto a cidade de Cullera, refugiou-se em França. Decorreram dezasseis mezes. Na Espanha os elementos liberais lutam persistentemente para arrancar a presa ás fauces do verdugo e triunfam. Mas a policia espanhola volta de novo á perseguição e tendo o governo como instrumento supremo, abre o afrontoso processo dos tristes acontecimentos e o proletario é colhido no carcere estrangeiro. Após a detenção de Aragó em Lyon, a colonia espanhola daquela cidade, que muito o admirava pelo seu proceder honestissimo de proletario, começou trabalhando, sob a presidencia de Enrique Camaró, para impedir que fosse concedida a sua extradição. Um advogado ilustre, sr. Mario Moutet, uma dessas simpaticas individualidades do fôro francez, de um grande valor intelectual e de uma vontade inquebrantavel, tomou a seu cargo a defesa judicial do desditoso estrangeiro.

Logo outras pessoas lhe seguiram o exemplo trabalhando noutros campos. Francisco de Pressensé, presidente da Liga para Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, escreveu uma belissima pagina defendendo Aragó, dirigindo-a ao ministro da Justiça; Appleton, presidente da Liga da Secção do Rodano e catedratico de Direito; Bousquet, advogado e secretario daquela colectividade; Marietton, deputado socialista unificado por Lyon; Tribolet, representando a maioria republicana da municipalidade; os jornais *Le Progrés* e *Lyon Republicain*; todos os sindicatos operarios, enfim, tudo quanto na forte e industrial cidade constitue energia de reivindicações justas e de aspirações humanas, trabalha agora para salvar Aragó.

Azzati partiu para França com o fim de secundar os esforços dos franceses em tão grandioso empreendimento, regressando de lá satisfeitissimo pelo acolhimento que lhe fizeram. Em Paris conferenciou com Jaurès, Renaudel e Pressensé a quem expoz a natureza dos acontecimentos de Cullera, ali já conhecidos pelas noticias e artigos da *Bataille Syndicaliste* e da *Humanité*. Em todos estes homens justos o deputado republicano espanhol encontrou a mais formal disposição para a luta em prol da libertação de Aragó.

Em 9 de janeiro, realizou-se na sala Zola, na rua Boileau, de Lyon, uma grande reunião publica que fôra convocada por um manifesto da Liga de Defesa dos Direitos do Homem (Federação do Rodano), afim de nela ser versada a situação do pobre operario preso. Esse acto foi uma imponente e entusiastica demonstração de humanitarismo. Falaram Azzati, Jean Appleton, Marietton, o advogado Moutet e Bousquet, pronunciando energicos discursos que foram victoriadissimos. Depois foi votada por aclamação a seguinte moção:

«Os cidadãos reunidos na sala Emilio Zola, considerando que o direito de asilo para os refugiados politicos é um principio essencial de direito publico das democracias;

Considerando que, segundo os termos do artigo 3.º da convenção franco-espanhola de 13 de dezembro de 1877, toda a extradição deve ser denegada no paiz de exilio, protestam com energia contra a tentativa de extradição de Aragó, refugiado politico, e convidam todas as forças democraticas para que se oponham, por todos os meios legais, á realização de um acto que seria vergonhoso e desonroso para um paiz de liberdade.

Expõem tambem o seu desejo de que o regime de extradição, até agora arbitrario, seja regulado por uma lei de modo que os cidadãos ameaçados possam defender-se perante um tribunal ordinario e aclamam o cidadão Azzati, enviando aos republicanos espanhois a saudação de republicanos e socialistas franceses.»

Em seguida Moutet, Azzati e Camaró foram visitar a Aragó ao carcere. O honrado operario protestou mais uma vez a sua inocencia e declarou que se encontrava em França ha 15 meses trabalhando pelo seu mister. Lamentou amargamente a sua prisão pelo desgosto que ela devia ter causado a seus pobres pais. Os visitantes animaram-o e então Aragó pediu a Azzati que ao regressar a Espanha transmitisse aos seus pobres velhos os seus mais ternos recados de saudade.

O teatro e a Igreja

O bispo de Londres proibiu ha dias a anunciada representação de um "misterio" na igreja de S. Siles, em Kentish Town, após o que escreveu ao pastor Whittingam a dizer-lhe ter efectuado tal medida porque se opõe categoricamente a que se realizem representações teatrais em lugares religiosos da Inglaterra. Ainda que com um oposto criterio achamos razão ao bispo da Cily. As exibições de teatro na igreja são deprimentes para... o teatro.

Pelas publicações

A «Reacção», orgão da Liga Mato-Grossense de Livre-Pensadores — Cuiabá, rua Pedro Celestino, 24.

Este belo jornal, fundado om abril de 909, contando já portanto 4 anos de proficuas lutas em prol do livre-pensamento, modificou ultimamente a sua primitiva feição, passando, a editar-se em formato de jornal e semanalmente.

Com isto muito ganhou, segundo a nossa opinião. A feição de revista, a antiga da *Reacção*, adapta-se mais aos artigos severos de estudo, ás prelecções doutrinárias, ás longas divagações. O jornal comporta melhor o comentario rapido e mordaz, os sueltos, os artigos de combate, ao mesmo tempo que em pequenas doses e paulatinamente doutrina e instrui. E ainda tem, para a propaganda, no nosso meio tão avêsso ás altas cogitações da filosofia, para a nossa gente tão refractaria ás coisas pesadas, de espirito de Maria-vai-com-as-outras, a vantagem de ser assim leve — e mais barato. Coadun -se mais, enfim, com a tendencia pratica do presente, com estes tempos da electricidade, em que tudo se faz segundo a lei do minimo esfôrço, passando pelo cadinho da sintese.

E' caso pois para felicitarmos a nossa distinta colega pela sua mudança de formato. E aceite tambêm o nosso cordial aperto de mão, com os votos que fazemos a Satan — para que continue sempre impertérrita na luta do livre-pensamento, até á vitoria final.

A razão de Juquinha

Juquinha não era dos milhores alunos da escola em escrita nem em leitura; mas tinha uma quéda especial para o catecismo. Sabia o catecismo de côr e salteado e era ele que a professora escolhia para ser interrogado pelo vigario ou algum padre em transito que visitasse sua escola.

Uma vez passou pelo arraial um conego que estava de viagem. Como de costume, a professora convidou-o a visitar sua escola. Depois de mostrar ao reverendo a escrita dos alunos e de manda-los ler alguns trechos, chamou o Juquinha para o conego o arguir em catecismo.

Juquinha levantou-se, lépido, e foi colocar-se junto á mesa onde estava o conego. Este sorveu uma pitada e interrogou:

— Menino, quem é Deus?

— Um senhor todo-poderoso, criador do céu e da terra.

— Quantos deuses ha?

— Um só!

— Muito bem. Onde está ele?

— No céu, na terra e em toda parte.

— Então Deus está na sua casa?

— Está sim senhor.

— Na sala?

-- Sim senhor.

— Mesmo na cozinha?

—Sim senhor.

—Mesmo no chiqueiro dos porcos?

— Ah, isso não!

A professora desapontou, e muito incomodada fazia sinal ao Juquinha que respondera errado, por trás do conego, que sorvia risonho outra pitada. Depois de passar o lenço no nariz, ele continuou:

— Pois você não disse que Deus está no céu, na terra e em toda parte?

— Sim senhor, e é exacto.

— Porque então não está ele no chiqueiro de sua casa?

— Porque minha casa não tem chiqueiro.

X.

(Da *Careta*).

Bilhetes e recados

Cidade do Turvo — Um anticlerical: Porque não fustiga o bruto em pequenas correspondencias? Permutaremos com o jornal. Saudações.

Rio — Jango: O urso prestou-nos um servição publicando aquele cabograma. E' só para moer os capitães de mato daqui... De grande proveito para o movimento operario será essa agitação, se for orientada pelo programa da F. O. De outra forma terminará nas choramingas aos «poderes competentes» e nas promessas nunca cumpridas. Saudações a todos.

Tambahú — A. de A. S. S.: Fizemos a transferencia. Aqui o esperamos. Saudações.

? — Conselho da S. S. G.: Em mãos a copia da lista. O resultado será certamente imediato, por estender a vossa acção pelos Estados. Saudações.

Bagé — C. L. C.: Agradecidos pelas informações sobre o conferencista em excursão pelo Brasil, que teve a bondade de nos enviar. Saudações.

Sertão de Minas — Z. Z.: Recebemos os tres coupons e a correspondencia de que nos fala. Remetemos ao *Clarão* os 3 frs., dando o devido destino ao restante. Saudações.

Ribeirão Pires — L. D.: Foi feita a transferencia. Saudações.

Florianopolis — C. E. de M.: O cliché seguirá logo que fique pronto. Recebemos os ns. do *Clarão* e o boletim. Deixa-los espernear. E' não cessar de persegui-los com o clarão da verdade. Saudações.

Carmo da Parnahyba — M. C.: Seguiram os recibos. Registámos os novos assinantes. Agradecidos. Saudações.

Juiz de Fóra — J. S.: Seguiram os livros e o recibo. Saudações.

Belo Horizonte — A. Z.: Com a vossa actividade o homem ha-de perder o prestigio e abandonar o campo á boa obra da organização sindicalista. Para começar já chega o que conseguiram. Seguiu o pacote. Salute.

Campinas — G. P.: Recebemos os 11$ para *Regeneración*. Saude e uma boa *escorpaciata* daquelas sem fios...

Campinas — J. M.: Somos por principio contrarios á politica e por isso temos conseguido viver alheios a essa vergonhosa farça da disputa do osso carnudo do poder, na qual o povo representa o papel do leão da fabula. Devemos estar bem distantes disso, porque não nos queremos sujeitar ao perigo do naufragio moral a que se expõem todos aqueles que se deixam arrastar pela caudal traiçoeira da politica partidaria. Concorda? Saudações.

Manaus — T. M.: Foi muita acertada a vossa decisão. O novo titulo é ainda bem mais expressivo. Mandaremos os endereços dos grupos e de companheiros dessas bandas. Saudações aos batalhadores daí.

Victoria — A. G.: As condições do emprestimo são as que já publicou a *Lanterna*. Trata-se de uma iniciativa tendente a favorecer a propaganda e não de uma empreza lucrativa. Saudações.

S. Roque — C. N.: Recebemos a importancia das assinaturas dos srs. J. C. e F. F. de O. Seguiram os recibos. Ha muitas maneiras de se auxiliar devidamente o jornal e o amigo bem o tem demonstrado. Insistimos portanto no nosso proposito. Saudações.

Itú — P. A. R. P.: Folgamos em sabe-lo restabelecido. Foi um facto realmente interessante. Em maré de caiporismo anda o nedio d. Nery. Não lhe bastava já o não menos nedio Amorim a descobrir-lhe as *purezas?* Saudações.

Rio Grande — J. C. Estima: Recebemos o vale com o resultado da cobrança. Realmente ainda encontramos individuos pouco correctos que pretendem ler o jornal *de meia cara*... Sabemos nós quanto nos custa mante-lo. Ainda se contassemos com a caixa de S. Pedro... Riscámos os indicados e registámos os novos. Concordamos com o que diz sobre os dois amigos mencionados. Entretanto, apesar de todas as dificuldades, havemos de vencer. Gratos lhe somos pelos bons serviços que está prestando ao jornal. Saudações aos amigos.

Rio Grande — Amigo dedicado: Essas dificuldades não nos devem desaminar. Perdem-se alguns mas conseguir-se-ão muitos outros. Da *encrenca* Amorim-Nery já temos tratado e continuaremos a tratar. E' de facto curioso. Brigam as comadres... Por estas bandas é que se agitam eles, *cavando* desesperadamente. A *Lanterna* diaria é uma necessidade premente. O amigo já está trabalhando no folheto. Escrever-lhe-á. A lei monstro ha-de cair. Saudações.

Rio — Myer: E' verdade. E como aquele temo-los todos os dias. Calcula tu se a tivessemos agora para a agitação contra a carestia. O original e as copias darás ao Nilo aí. Saude!

Niteroi — Gildo: Recebi o jornal. Magnifico! Quem semeia... Recebeste os folhetos? Saudações de todos.

Quixadá — Peraldiano: Seguiu um pacote para a propaganda. Não nos podia mandar uma lista de correligionarios daí? Saudações.

Pirituba — A. P. Cruz: Bem saudoso dos ares do campo ando eu. Seria mais delicioso saborea-las aí mesmo ainda borrifadas pelo orvalho. Fica para outra ocasião. Saudações de todos.

Guerra á guerra!

Um esplendido manifesto lançado ha 42 anos pela Internacional

Agora, que tanto se fala dos perigos de uma guerra europeia, julgamos oportuno transcrever o manifesto que as secções parisienses da Associação Internacional dos Trabalhadores publicaram ha 42 anos, na vespera da guerra com a Alemanha. Parece-nos interessante arquivar esse documento:

«Aos trabalhadores de todos os paizes!

Ainda mais uma vez, sob o pretexto do equilibrio europeu, da honra nacional, a paz do mundo está ameaçada pelas ambições politicas.

Trabalhadores francezes, alemães, espanhois, que as nossas vozes se unam em um grito de reprovação contra a guerra!

Hoje, as sociedades não podem ter outro fim legitimo que não seja a produção e divisão equitativa. A divisão do trabalho, aumentando todos os dias as necessidades da permuta tornou as nações solidarias. A guerra, por uma questão de preponderancia ou de dinastia, não póde ser, aos olhos dos trabalhadores, senão um criminoso absurdo.

Em resposta ás aclamações belicosas daqueles que se eximem ao pagamento do tributo de sangue ou que encontram nas desgraças publicas uma fonte de novas especulações, protestamos, nós, que queremos a paz, o trabalho e a liberdade.

Protestamos:

Contra a destruição sistematica da raça humana; contra a delapidação do dinheiro do povo, que só deve servir para fecundar o solo e a industria; contra o sangue espalhado para satisfação odiosa das vaidades, dos amores proprios, de ambições monarquicas ofendidas ou não saciadas.

Sim, protestamos com toda a nossa energia contra a guerra, como homens, como cidadãos, como trabalhadores! A guerra é o reflexo dos instintos selvagens e dos odios nacionais. A guerra é o meio indirecto dos governos para sufocarem as liberdades publicas. A guerra é o aniquilamento da riqueza geral, obra dos nossos labores cotidianos.

Irmãos da Alemanha:

Em nome da paz, não escuteis as vozes estipendiadas ou servis que hão de procurar iludir-vos sobre o verdadeiro espirito da França.

Ficai surdos ás provocações insensatas porque a guerra entre nós seria uma guerra fratricida. Ficai tranquilos como o pode fazer, sem comprometer a sua dignidade, um grande povo forte e corajoso. As nossas divisões só conduziriam ao triunfo completo do despotismo nas duas margens do Rheno.

Trabalhadores de todos os paises, seja qual fôr o exito dos nossos comuns esforços, nós, membros da Associação Internacional dos Trabalhadores, que não conhecemos fronteiras, a vós dirigimos, como penhor de solidariedade indissoluvel, os votos e as saudações dos trabalhadores da França.»

Folhetim da LANTERNA (35)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

Especialmente traduzido para A. LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

XI

OS MISERAVEIS

Endireitou-se tentamente e murmurou:

— Pobre menino!... Não nos esperará muito. Vês, mulher? Deviamos dar-lhe ouvidos e ir com ele.

Germana calou-se. Soror Madalena, ajoelhada ao lado da mãe, dolorosa, murmurava uma prece.

— Rezais, irmã, disse o ex-carcereiro, é o vosso mister... Mas é tempo perdido: lá em cima não ha ninguem! ninguem para vos escutar!

Soror Madalena, perturbada, nada respondeu. Não achou que responder. Interrogou-se, desceu ao fundo da sua consciencia, sentiu que se lhe partia como que uma mola interior e deixou de rezar! Entretanto, ficou ajoelhada.

Neste momento, Germana circunvagou os olhos, como desperta de um sono:

— Estais aqui, irmã? Esperai... Gil vai acordar...

— Coragem, minha pobre Germana! disse a carmelita, tomando-lhe as mãos.

— Coragem? Para que? Se vamos morrer todos três, juntos, para que precisamos de coragem? Não é verdade, Germano?

— Sim; agora é a nossa vez. Gil morreu e nós seguiremos o nosso filho.

Germana levantou-se de um pulo:

— Que dizes? Gil morreu? Disseste que Gil morreu?

Germano, sem responder, recuou, soluçando, com um gemido continuo. A carmelita procurava aquietar e consolar a pobre mãe; mas contra o seu costume, pela primeira vez, não invocava a misericordia do Senhor.

Germana agachou-se de novo. Pôs-se a falar.

— Sim, devo ter coragem... Gil está muito mal, coitadinho... Ele é toda a minha vida... Gil é o sol que nos alumia nesta nossa existencia cheia de miseria... Lembro-me de quando era pequenino, pequenino... Punha-me os bracinhos em volta do pescoço, quando eu o apertava contra o coração... Se me matassem num instante daqueles... morreria feliz... Sempre foi fraquinho... adoentado... Não faz mal... ele ha-de ser forte quando for homem... Coitadinho: já teve umas febres malignas... Salvou-o um homem... Ah! se ele estivesse aqui!... Com certeza o salvaria outra vez... Meu Gil! meu pobre filhinho, estás muito doentinho, não é verdade? Quando te tornarei a ver sorrir, com esse sorriso tam doce? Havemos de te salvar, outra vez, sim, sim!...

— Vamos, mulher! clamou Germano. Cala-te senão enlouqueço! Cala-te! Gil morreu. Morreu, ouviste? Morreu! E nós vamos morrer tambem!...

Houve então na misera cabana uma scena atroz. A mãe atirou-se sobre o filho, abraçando-o, rugindo:

— Não quero que morra! Não quero! Não quero!

Os seus clamores transpuseram as pobres paredes da choça, vibraram pelo caminho.

Quatro cavaleiros que passavam como um furacão ouviram os gritos e viram a luz na cabana. Trocadas algumas palavras, um deles deteve o cavalo, apeou-se, atou as redeas a uma arvore e correu para a porta da choça, em breve seguido pelos companheiros.

Dentro, Germano fôra buscar duas velhas pistolas, do seu tempo de soldado, e carregara-as, murmurando:

— Isto acabou... está acabado... Já está uma carregada... Bom!... é para ela... agora a outra...

Acabada a operação, dirigia-se para a mulher, quando se abriu a porta e surgiu um homem, que disse:

— Porque gritais? Dizei-me o vosso mal. Sou um vosso irmão que passa e talvez vos possa valer na vossa aflição.

Salverio, que assim falara, penetrou na choupana, seguido pelos seus amigos, de cabeça descoberta, e reparou na atitude de Germano:

— Queríeis matar essa mulher? perguntou ele com piedade, adivinhando o suicidio.

Com efeito, Germano respondeu:

— Sim... e matar-me depois. Preparei duas pistolas. Nosso filho morreu!...

Salverio voltou-se vivamente e viu o menino estendido, rigido e branco, sobre a palha. Ajoelhou-se então e examinou a criança durante cinco minutos, sem sinais de alento ou desalento. De repente, ordenou:

— Aquentai roupa, depressa, muito depressa...

Germana soltou um grito selvagem, como duma leoa e pôs-se a repetir:

— Está vivo! está vivo! está vivo!

E deu um pulo para o lar, em quanto Germano acumulava ramos secos e a freira, a um canto, com os olhos rasos de agua, fixava Salverio.

Rapidamente, foi o pequeno envolvido em panos muito quentes; e durante meia hora, foram os panos substituidos logo que esfriavam. A sincope, que estivera prestes a terminar pela morte, ia se dissipando; restabelecia-se pouco a pouco a respiração. Por fim, Gil soltou um debil suspiro. Salverio verteu-lhe então na boca uma gota do precioso liquido que tanto assombro causara a Parmentier. O menino abriu em breve os olhos, articulando debilmente:

— Mamã!

A mãe, extasiada, tremula, ria e chorava e ia a tomar o filho nos braços. Salverio conteve-a docemente, dizendo:

— Daqui a pouco...

— Está salvo? está salvo?

— Assim espero, pobre mulher. Amanhã cedo recebereis um frasco com um febrifugo poderoso. Dai-lhe só duas colheradas dele, uma de manhã, outra ao anoitecer. Só duas!

— Duas! repetiu a mãe. Cá me fica gravado!

— Depois, escutai bem: vosso filho morre de privações. Durante dois ou três dias, é preciso dar-lhe pouco que comer, só o valor de uma tigela de caldo; mas depois é necessario alimenta-lo bem. Dai-lhe carne mal passada e meia garrafa de Borgonha por dia. Alem disso, ha-de deixar este lugar e viver em casa onde haja ar e luz. Deve dormir em boa cama. Se fizer tudo isto, dentro de dois mezes estará para sempre curado das suas febres. Se não, não...

A mãe torcia os braços com desespero.

— Sim... sim... balbuciava ela. E' preciso tudo isso para salvar o meu Gil!

Acabrunhado, Germano deixou-se cair de novo no seu assento, murmurando:

— Antes tivesse morrido! Teria deixado de sofrer...

— Aqui tendes, disse Salverio, para tratar o vosso filho.

Estendia a Germano um grande punhado de ouro, uma centena de luizes, a riqueza para aquela pobre gente. Germano, tremulo e assombrado, não ousava aceitar.

— Tomai, insistiu Salverio docemente; é vosso este dinheiro. Não faço mais do que cumprir a vontade de quem mo transmitiu.

Todo perturbado, Germano recebeu as moedas e buscou palavras para agradecer:

— Senhor... senhor... eu não sei quem sois... eu sou um desgraçado... que nada valho... Mas se algum dia for preciso morrer um homem por vós, senhor, oxalá que esse homem seja eu! oxalá!

A Germana, essa caira de joelhos e gritava, a chorar, numa grande exaltação:

— Vós sois Deus! vós é que sois Deus! Vós, que salvastes meu filho...

Salverio levantou-a:

— O que eu sou é alguem que sofreu muito e estudou um pouco. Aprendi na prisão que os homens devem ajudar-se entre si...

— Na prisão!... exclamou a Germana.

Fixou por um momento Salverio e clamou:

— Oh! já sei quem sois! Germano! Germano! E' o mesmo que nos salvou o filho em Amiens... E' ele! Outra vez! E' o nosso bom anjo salvador!

Num arrebatamento, apoderaram-se das mãos de Salverio e puseram-se a beija-las, banhando-as de lagrimas. Havia em todos uma grande comoção e Salverio dizia-se compensado de muitas miserias e desgraças. Por fim, restabeleceu-se a calma e o ex-carcereiro referiu em poucas palavras a sua historia.

— Meu querido Salverio, disse então d'Etallondes, dais-me licença de completar a vossa obra?

— Fazei-o, meu amigo.

— Pois bem: o meu guarda está velho, e no castelo ha um pavilhão desabitado, com quatro divisões, e já com moveis e roupas. Ha tambem uma boa cozinha e uma adega com duzentas ou trezentas garrafas de bom vinho. No parque ha muita caça, e ha patos e galinhas, e portanto ovos. O moleiro de Francières tem ordem de fornecer farinha aos moradores do castelo. O pequeno estaria ali bem: ar, luz, arvores, flores... Se Germano quer aceitar o lugar de guarda, ajudará o velho, que bem precisa de descanso. E o trabalho não é excessivo: cuidar do castelo e dependencias.

Salverio olhou para Germano, que disse:

— Decerto que aceito! Até me parece um sonho tudo isto! E' felicidade demais para uma vez!

— Nesse caso, podeis instalar-vos amanhã cedo. Vou dar as ordens necessarias.

— Poderemos transportar sem perigo o nosso pequeno? perguntou Germano.

— Não te dê isso cuidado, respondeu a Germana. Eu o levarei nos braços.

— A caminho, senhores! bradou Salverio, satisfeito.

Neste momento, a carmelita que, de pé, a um canto, assistira silenciosa a toda a scena, avançou para Salverio e tocou-lhe num braço:

— Senhor, desejo dizer-vos algumas palavras.

— Dizei, senhora, redarguiu Salverio assombrado.

— Desejo falar-vos a sós.

— A proposito destes infelizes?

(Continúa).